

A REPUBLICA DAS LETRAS: periodico mensal de litteratura¹ (Porto, 1875) – Autointitula-se “publicação” de uma “collectividade litterária”, a qual escolhe para título principal *A Republica das Letras*, nome que indicia ideia de mudança num país regido por uma *monarquia*. Considerado *revista* ou *jornal*, este periódico literário é dirigido por **João Penha**² e administrado por **Alfredo Campos**. A sua coleção completa limita-se a três números, impressos entre abril e junho de 1875, na *Typographia de Antonio José da Silva Teixeira*, situada na *Rua da Cancellia Velha, 62*, na cidade do Porto.

De acordo com a investigadora e professora, **Fátima Freitas Morna**, **A República das Letras** (3 n.ºs, Porto, 1875) é um jornal que “João Penha fundou e dirigiu”. Afirma ainda, que a colaboração poética de João Penha neste *jornal* foi reunida à sua “produção inicial no livro *Viagem por Terra ao País dos Sonhos* (Porto, Imp. Moderna, 1898).”³

Em 2009, **Alfredo Ribeiro dos Santos** (1917-2012), autor e investigador, adjectiva *A República das Letras* de **revista literária**; escreveu que o **parnasianismo** “foi introduzido em Portugal por João Penha, fundador da célebre revista coimbrã *A Folha* (1868-1873), representativa do seu espírito eclético”, caracterizando-o como um “**poeta satírico, marcadamente anti-romântico**”; mencionou que “**Gonçalves Crespo** (1846-1883) **revelou-se o mais perfeito poeta parnasiano**” e referiu a “forma trabalhada” das composições de **Simões Dias**.⁴

Ainda de acordo com Alfredo Ribeiro dos Santos, **Luciano Cordeiro** “foi um dos primeiros teóricos do Naturalismo-Realismo, proferindo no Porto uma conferência, depois publicada em volume, *Livro de Crítica* (1869).”⁵ O autor também referiu **Camilo Castelo Branco** e **Tomás Ribeiro** (1831-1901) como “autores da **escola romântica**”; descreveu **Guilherme de Azevedo** como um “**poeta realista da escola nova da geração de 70**”, além de estar inserido no “**movimento realista-naturalista como [...] M. Duarte de Almeida**.”⁶

Acrescentamos que os escritores atrás referidos colaboram todos n’ *A República das Letras*, periódico que se revela aglutinador dos vários

¹ Disponível em <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/ARepublicadasLetras/ARepublicadasLetras.htm>.

² João Penha (Braga, 1838-1919) foi poeta, advogado, jornalista, etc. “Em 1875, estando em Braga [como juiz], redigia a revista literária *República das Letras*, que se publicava no Porto, mas de que saíram apenas três fascículos.” V. “PENHA (João)” – In *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Vol. 20, Lisboa-Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, 1978, p. 983.

³ V. MORNA, Fátima Freitas – “Penha (Fortuna), João (de Oliveira)” – In BUESCO, Helena Carvalhão (Coord.). *Dicionário do Romantismo Literário Português*. Lisboa: Ed. Caminho, 1997, p. 414.

⁴ SANTOS, Alfredo Ribeiro dos – “O Parnasianismo no Porto”. In *História Literária do Porto, através das suas publicações periódicas*. Porto: Edições Afrontamento, 2009, p. [111], p. 82.

⁵ *Op. Cit.*, p. 92.

⁶ *Ibidem*, p. 97; p. 93.

movimentos literários que então coexistiam: o *romantismo*, o *parnasianismo*, o *realismo* e o *realismo-naturalismo*.

APRESENTAÇÃO EDITORIAL

João Penha assina a “**Introdução**” datada de “15 de Março de 75” que abre o periódico. Na realidade são dois textos onde, no segundo, proclama como porta-voz da publicação: “Livres de todos os preconceitos, e **reunidos fraternalmente n’esta Republica, que hoje fundamos**, e onde **todos seremos iguaes perante a honrosa dignidade que provém do trabalho**, iremos levantando, pedra a pedra, como o velho Salomão da Biblia, o templo de mármore dos nossos ideais. **Bons e justos, procuraremos** nos antros da sociedade moderna **os miseraveis da fome, e os miseraveis da opulência**, e levaremos, a uns, a consolação dos nossos cantares de renascimento; e aos outros, o fel amargo das maldições populares – **poetas do amor, e homens do seculo** [...]”, e termina confiando “no augurio feliz das **novas musas** da arte.” Mas antes, no mesmo texto, lê-se: “**Nós, porém, neófitos de religiões ainda há pouco desconhecidas, e pregadores de teorias novas, ainda não conseguimos desprender-nos completamente da religião do passado, dos velhos costumes de nossos paes. Quantas vezes não nos pavoneamos de rabicho!**” (n.º 1, pp. 4-5).

A apresentação editorial do periódico prossegue na secção “Ultimas Linhas”, também com dois textos, onde **João Penha** cultiva a sua conhecida *prosa satírica*. Selecionamos o seu segundo texto que explica a escolha do título da publicação, entre os seguintes: *Monarchia absoluta das letras*, não adotado pois “todos sabem que odiamos tyrannias”; *Monarchia constitucional das letras* implicava a sujeição “ao principio das eleições populares”; *Communa das letras* podia-se confundir com outro significado de *communa* [a Comuna de Paris, 1871] e abusado por “algum membro da *escóla satânica* [o *Comunismo*]”. Por fim, justifica-se o título aprovado por causa dos (seus) “**leitores versados na historia de quantas republicas**, imaginarias e reaes, tem existido na face da terra, [...] os principios que as regeram, e os que devem reger uma **collectividade litteraria**”; e das **leitoras, sabedoras das theorias a respeito das mulheres, [...] julgando-nos sectarios** d’essas teorias lamentáveis. **Aqui juramos que não.**” Este texto termina repleto de humor e cavalheirismo medieval: “**nós e os nossos colegas seremos vistos em breve, em justas e torneios, de fraque azul e monóculo no olho, a quebrar lanças, maiores que faias, em prol das nossas damas, e dos nossos futuros amores. Por tanto, não se arreceiem de nós.**” (n.º 1, pp. 43-44).

ESTRUTURA GRÁFICA

O periódico, não ilustrado, apresenta uma folha inteira como capa; é impresso em texto corrido, exceto os poemas e mede 23 cm de altura. Nas suas três capas apenas muda a numeração de cada exemplar. Cada número tem paginação própria, totalizando 48 páginas (46 numeradas), e terminando com o “**Summário**” não paginado, e sem indicação das respectivas páginas dos títulos publicados.

Sem fim anunciado, previa-se a continuação do periódico pois na sua última página, anunciam-se os livros publicados recentemente, terminando com a

promessa de futura crítica literária: “como dos anteriormente recebidos, daremos a noticia que merecem aos nossos benignos leitores” (n.º 3, p. 46).

COLABORADORES E CONTEÚDOS

Num total de vinte e um colaboradores, doze só publicam poesia, entre eles: **C. de Figueiredo** (1846-1825), **Cunha Vianna** (1817-1902), **Sousa Viterbo** (1845-1910), **Eduardo A. Vidal** (1841-1907), **Luiz de Andrade** (1849-?), **Eduardo Cabrita** e **Manoel Sardenha**.

Outros escritores, além de poesia, também publicam estudos em prosa: **J. Simões Dias** (1844-1899) escreve a secção “**A poesia lyrica em Hespanha**” (n.º 1, pp. 7-21), abrindo o segundo e o terceiro número com outro título, “*Litteratura Hespanhola – José Amador de los Rios*” (n.º 2, pp. 3-12; n.º 3, pp. 3-5); **Alfredo Campos** (1847-?) colabora com a secção “**Estudos Litterarios**” (n.º 2, pp. 35-38; n.º 3, pp. 28-35); e **Alberto Telles** publica a crónica “**Ácerca dos Carrilhões de Mafra**” (n.º 1, pp. 35-37).

Mencionamos, ainda, outros escritores e investigadores: **C. Castelo Branco** (1825-1890), com a crítica literária “**A Sinceridade de Boileau**” (n.º 2, pp. 29-32); **Luciano Cordeiro** (1844-1900) publica “**Recordações de Viagem: Fragmentos**” (n.º 1, pp. 29-32), do seu “segundo livro de *Viagens (França, Bavieira, Áustria e Itália)* (1875)”⁷; **D. Ennes** (1836-1885) traduz *Sallustio* em “**Uma Página Antiga**” de cariz humanista sobre o “combate de *Pistoia*” (n.º 3, pp. 10-12); **Augusto Sarmento** (1835-?) colabora com o conto “**A Gallinha da Vizinha**” (n.º 1, pp. 22-27; n.º 2, pp. 15-25; n.º 3, pp. 13-27); e **Jeronymo d’Oliveira** com “**Um Improviso**”, crónica que fala da poetisa Violante do Céu que por amor, vai para o ex-convento da Rosa, em Lisboa (n.º 1, pp. 39-41).

De referir, a publicação de “**MEMORIA das Biblias mss. que se acham na biblioteca da real casa de N. S. das Necessidades**”, texto antigo e anónimo, que revela a existência de cinco bíblias diferentes, subentendendo-se dúvidas religiosas de veracidade. Acompanha-a em rodapé, a nota: “Esta *Memoria* inédita faz parte d’uma valiosa coleção de manuscritos, que **devemos à benigna condescendência de Theophilo Braga** (1843-1924)”, então cultor do *realismo* e defensor do *positivismo* (n.º 3, pp. 39-42).

Não sabemos a razão da publicação deste texto, talvez fosse para cativar leitores académicos mais modernos, cativados pelas palavras de Teófilo Braga. A sua publicação ditaria o fim do periódico com o vocábulo “republica” no título?

O poeta João Penha torna-se famoso no seu tempo, devido à excelência formal dos seus sonetos petrarquianos. No periódico, a sua colaboração poética totaliza quatro sonetos, de teor *realista-naturalista*. Os temas presentes são: o *mundo às avessas* no “**Pobre Monarcha!**” de 22 de março, sobre “**o rei, outrora unguido pelo Eterno, é simultaneamente vitima da arraia vil das**

⁷ Luciano Cordeiro (1844-1900) publica dois livros das suas “*impressões de viagem*, narrados na primeira pessoa, num tom simples e coloquial, onde as intrusões do narrador são frequentes e se traduzem por comentários de natureza predominantemente crítica”. Cf. VEIGAS, A. S. Fernandes – “Cordeiro, Luciano” – *Op. Cit.*, p. 99.

classes nuas e do triste mal das hemorróidas⁸; e a sátira à *quebra do lirismo no amor* nos outros: “**Novo Petrarca**”, “**Vão-se os Deuses**” de 30 de maio de 75, e “**To be or not to be**” de 22 de julho de 75 (n.º 1, p. 43; n.º 2, pp. 33-34, p. 40; n.º 3, pp. 27-28).

Julgamos que a linha aglutinadora do periódico não era bem aceite pelos *republicanos das letras*, uma vez que o (seu) objetivo prioritário não era a *reforma social* através das letras, mas a defesa da *arte formal*. A prová-lo, encontramos: **Guilherme de Azevedo** (1839-1892) que publicou o soneto “**Um Bote (A João Penha)**”, no qual subentende-se a sua preferência pelo movimento realismo-naturalismo, apesar de não esquecer os “velhos trovadores” (n.º 1, p. 42); e **Severino de Azevedo** com o seu soneto “**É Difficil! (A João Penha)**” o qual começa com as estrofes “**Um soneto, confesso, é cousa seria/ Para mim, que, brincando, os versos trato**”, referência direta ao “soneto formal” (n.º 3, pp. 35-36).

Outros dois poetas conscientes dos “antros das sociedades”, também dedicam poesia ao diretor do periódico: **Alberto Telles** (1840-1924) com “**Nó Cego (A João Penha)**”, uma *canção* que versa a duvida entre casamento com “menina ou já senhora” mas no fim, a deusa *Arte* subjuga-o (n.º 2, pp. 14-15); e **M. Duarte de Almeida** (1844-1899) no soneto “**Venus do Asfalto (A João Penha)**” que fala duma sensual prostituta à janela qual “Venus Asphaltite” invejada por “muita ingenua donzela” (n.º 2, pp. 41-42).

João Penha fecha o periódico com a secção “Ultimas Linhas” na qual também faz crítica literária a novos livros, além de os divulgar. Nesta secção, no segundo número, João Penha começa por criticar e elogiar o primeiro livro de *Viagens: Hespanha e França* (Lisboa, 1874) do colaborador Luciano Cordeiro. A seguir, inesperadamente, **João Penha critica a Espanha** (sem mencionar a proclamação da república espanhola em 1873) como um país que tem “a febre das revoluções, o amor pelo garrote, a veneração pelo carrasco”; humoriza ao escrever que a causa é “**O abuso do chocolate**”, e satiriza que a “substancia, aparentemente inofensiva, mas que tomada sem conta nem medida produz **efeitos mais terríveis que o gin em Inglaterra, o cognac em França e o opio na Turquia**”, como os “**autos-de-fé**” e “**as guerras do absolutismo**”; refere que como consequência, “actualmente, a nação hespanhola vae de mal a peor: um odio figadal, terrivel, incessante; um odio por tudo e por todos [...]. **E Portugal, que, apesar de velho, ignora o que seja medo [...]**”, satiriza João Penha. Este aparte termina com a solução fácil para o rei de Espanha: “**fuzile-se o chocolate!**” (n.º 2, pp. 42-44).

Destacamos, do último texto do periódico, outra **prosa satírica e feminista de João Penha**, desta vez sobre **galicismos e/ou idiotismos**. A certo ponto do texto, escreve João Penha como homem do seu tempo: “Uma romana, casando, [...] **adoptava o nome patronymico da família para onde entrava, dando-lhe uma terminação feminina e dôce.** [...] A Italia, como dissemos, adoptou este costume, assim como nós, que ainda o conservamos nas províncias do norte, províncias onde até agora não chegou a phyloxera do

⁸ Cf. MORNA, Fátima Freitas – “Penha (Fortuna), João (de Oliveira)” – In BUESCO, Helena Carvalho (Coord.). *Dicionário do Romantismo Literário Português*. Lisboa: Ed. Caminho, 1997, p. 415.

galicismo impuro. **Ainda hoje não é raro o ouvir-se em Traz-os-Montes: as senhoras Machadas; as meninas Coelhas.**” – nomes “femininos e doces”. Avisa-se, no entanto, que “ninguém suponha que defendemos a imutabilidade da língua e da grammatica” (n.º 3, pp. 43-44).

CONTEXTO HISTÓRICO- SOCIAL

No ano de 1875, em Portugal, reina D. Luís e Fontes Pereira de Melo (1819-1887) é o presidente do seu Conselho de Ministros, um gabinete *regenerador* que perdurou até 1877.

De acordo com os investigadores Irene Maria Vaquinhas e Rui Cascão, no séc. XIX, a classe social burguesa do Porto era, na sua maioria, constituída por “comerciantes e negociantes ligados ao comércio do vinho, subsidiariamente ao tráfego brasileiro e, a partir da década de 70, também às operações bancárias relacionadas com as remessas dos emigrantes.”⁹

Influenciado pelos ideais **do Partido Socialista Português fundado em 10 de janeiro de 1875**, o periódico portuense *A República das Letras* surge em abril do mesmo ano, apresentando a colaboração de cultores de vários movimentos literários. A propósito, citamos o segundo terceto do soneto “**A Reforma (1875)**” (n.º 3, p. 36) **de Alfredo Campos**, administrador, poeta, colaborador assíduo do periódico, e profeta de um futuro melhor:

“Ergue-se um mundo novo, enfim, que aneia
Uma vida melhor entre as esferas,
O benéfico sol da Nova Idéa!”¹⁰

Por Helena Roldão

Lisboa, Hemeroteca Municipal de Lisboa, 22 de janeiro de 2015.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

SANTOS, Alfredo Ribeiro dos – *História Literária do Porto, através das suas publicações periódicas*. Porto: Edições Afrontamento, 2009.

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. Lisboa-Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, 1978.

BUESCO, Helena Carvalhão (Coord.) – *Dicionário do Romantismo Literário Português*. Lisboa: Ed. Caminho, 1997.

⁹ Cf. VAQUINHAS, Irene Maria e CASCÃO, Rui – “Evolução geral da sociedade portuguesa no decurso do século XIX” – In MATTOSO, José (dir). *História de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1994, p. 445.

¹⁰ “Nova Idéa” ou “Ideia Nova”, sinónimos do *Realismo* (movimento literário); conceito que surge durante a *Questão Coimbrã* (1865).

MATTOSO, José – *História de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1994.